

CLÁSSICO SOBRE A SABEDORIA DA RIQUEZA COM MAIS DE
2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS



O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

GEORGE S. CLASON





O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

GEORGE S. CLASON

TRADUÇÃO
LUIZ CAVALCANTI DE M. GUERRA

 Harper
Collins

Rio de Janeiro, 2022

Título original: *The Richest Man in Babylon*

Publicado inicialmente nos EUA

Editado mediante acordo com Dutton Signet, uma divisão da Penguin Books USA Inc.

Copyright da tradução © 1997 by Casa dos Livros Editora LTDA.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

DIRETORA EDITORIAL

Raquel Cozer

GERENTE EDITORIAL

Alice Mello

EDITOR

Ulisses Teixeira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Anna Beatriz Seilhe

REVISÃO

Marina Sant'Ana

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Maquinaria Studio

CONVERSÃO PARA EPUB

SCALT Soluções Editoriais

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C551h

20. ed.

Clason, George Samuel, 1874-1957

O homem mais rico da Babilônia / George Samuel Clason ; tradução Luiz Cavalcanti de M.
Guerra. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.

Tradução de: The richest man in Babylon

ISBN 978-65-5511-249-8

1. Responsabilidade social da empresa. 2. Ética empresarial. 3. Riqueza. I. Título.

CDD: 658.404

CDU: 658.012.28

À nossa frente estende-se o futuro como uma estrada que se perde na distância. Ao longo dela há ambições que queremos realizar... desejos que queremos satisfazer.

Para ver concretizadas essas ambições e desejos, precisamos ser bem-sucedidos em relação ao dinheiro. Use os princípios financeiros apresentados nas páginas que se seguem. Deixe que eles o tirem das dificuldades acarretadas por uma carteira vazia e lhe proporcionem a vida plena e feliz que uma carteira cheia pode tornar possível.

Como a lei da gravidade, esses princípios são universais e imutáveis. Espero que lhe propiciem, como o fizeram para muitos outros, os meios eficazes para uma carteira cheia, uma bela conta bancária e um satisfatório progresso financeiro.

Sumário

[O autor e seu livro](#)

[Prefácio](#)

[O homem que desejava ouro](#)

[O homem mais rico da Babilônia](#)

[Sete soluções para a falta de dinheiro](#)

[Encontrando a deusa da boa sorte](#)

[As cinco leis do ouro](#)

[O empréstador de dinheiro da Babilônia](#)

[As muralhas da Babilônia](#)

[O negociante de camelos da Babilônia](#)

[As tabuinhas de argila da Babilônia](#)

[O homem de mais sorte da Babilônia](#)

[Um esboço histórico da Babilônia](#)

O autor e seu livro

George Samuel Clason nasceu em Louisiana, Missouri, em 7 de novembro de 1874. Frequentou a University of Nebraska e serviu no exército americano durante a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos. Começando uma longa carreira no mundo editorial, fundou a Clason Map Company of Denver, no Colorado, e publicou o primeiro atlas rodoviário dos Estados Unidos e do Canadá. Em 1926, lançou o primeiro de uma série de panfletos sobre economia e sucessos financeiros, usando parábolas ambientadas na antiga Babilônia para ilustrar suas lições. Tais panfletos eram distribuídos em grandes quantidades pelos bancos, companhias de seguros e empregadores, e tornaram-se familiares a milhões de pessoas, o mais famoso sendo *O homem mais rico da Babilônia*, a parábola-título deste livro. Estas “parábolas babilônicas” tornaram-se um clássico moderno entre os livros de autoajuda.

Prefácio

Nossa prosperidade como nação depende de nossa prosperidade financeira como indivíduos.

Este livro lida com o sucesso de cada um de nós. Sucesso quer dizer realizações como resultado de nossos próprios esforços e aptidões. Uma preparação adequada é a chave para o sucesso. Nossos atos podem não ser tão criteriosos quanto nossos pensamentos. Nosso modo de pensar pode não ser tão judicioso quanto nossa compreensão.

Este livro, que apresenta soluções para a falta de dinheiro, tem sido considerado um guia para o entendimento financeiro. Seu propósito é realmente este: oferecer àqueles que ambicionam o sucesso financeiro um *insight* que os ajudará a ganhar dinheiro, poupá-lo e fazer com seus lucros ainda mais dinheiro.

Nas páginas seguintes voltamos no tempo à Babilônia, o berço onde foram alimentados os princípios básicos de finanças agora reconhecidos e usados no mundo inteiro.

O autor sente-se feliz em estender a seus novos leitores o desejo de que estas páginas possam conter para eles a mesma inspiração para o crescimento da conta bancária, sucessos financeiros estrondosos e a solução de problemas pessoais com o dinheiro tão entusiasticamente relatados por leitores de costa a costa dos Estados Unidos.

A todos os homens de negócios que distribuíram estas narrativas em tão generosas quantidades a amigos, parentes, empregados e associados, o autor aproveita a oportunidade para expressar-lhes sua

gratidão. Nenhum respaldo pode ser mais valioso do que o desses homens práticos que apreciaram seus ensinamentos, porque eles, por si mesmos, conseguiram importantes êxitos ao aplicar os princípios verdadeiros que o presente livro defende.

A Babilônia tornou-se a cidade mais opulenta do mundo antigo porque seus cidadãos eram o povo mais rico de sua época. Eles sabiam estimar o valor do dinheiro e praticavam princípios financeiros saudáveis na aquisição de dinheiro e na idéia de poupá-lo e de fazer com que suas economias produzissem mais dinheiro ainda. Conseguiram para si mesmos o que todos nós hoje desejamos... uma renda para o futuro...

G.S.C.

O dinheiro é o meio pelo qual se avalia o sucesso terreno.

O dinheiro torna possível o gozo das melhores coisas que a terra pode oferecer.

O dinheiro é abundante para aqueles que compreendem as leis simples que governam sua aquisição.

O dinheiro é hoje governado pelas mesmas leis que o controlavam quando, há seis mil anos, homens prósperos enchiam as ruas da Babilônia.

O homem que desejava ouro

Bansir, o fabricante de carruagens da Babilônia, achava-se completamente desanimado. Sentado na mureta que cercava sua propriedade, contemplava com tristeza a habitação humilde e a oficina aberta onde se podia ver uma carruagem em fase de acabamento.

De tempos em tempos, a esposa surgia na porta da casa. O olhar furtivo que lhe endereçava nesses momentos lembrava-o de que a despensa estava quase vazia e que ele devia estar trabalhando para terminar o serviço encomendado, martelando aqui, cortando ali, lixando e pintando, esticando o couro para forrar os aros das rodas, em suma, preparando o veículo para a entrega, a fim de que pudesse receber o pagamento de seu rico cliente.

Não obstante, seu corpo robusto e musculoso permanecia apaticamente sobre a mureta. Seu raciocínio lento ocupava-se com um problema cuja resposta não conseguia encontrar. O Sol abrasador, tão comum no vale do Eufrates, castigava-o sem piedade. Gotas de suor formavam-se acima de suas sobrancelhas e pingavam despercebidas para se perderem na mata cerrada de seu peito.

Além de sua casa, erguiam-se as altas muralhas em terraplano que cercavam o palácio do rei. Próximo, espetando o céu azul, ficava a colorida torre do Templo de Bel. À sombra de tanta grandeza achava-se sua moradia e tantas outras muito menos limpas e bem-cuidadas. A Babilônia era assim — uma mistura de grandeza e miséria, de riqueza ostentatória e mendicância, tudo convivendo sem plano ou sistema dentro das muralhas protetoras da cidade.

Atrás dele, se apenas tivesse o cuidado de voltar-se e olhar, as barulhentas carruagens do rico passavam aos solavancos e obrigavam a sair do caminho tanto o comerciante de sandálias quanto os mendigos de pés descalços. Até o rico era forçado a buscar a sarjeta para dar passagem às longas filas de escravos

carregadores de água, todos a serviço do rei, cada qual transportando pesados sacos de pele de cabra cheios d'água para regar os jardins suspensos.

Bansir achava-se muito absorvido por seu próprio problema para ouvir ou prestar atenção ao confuso burburinho da atarefada cidade. Foi uma repentina sucessão de acordes de uma lira familiar que o arrancou do devaneio. Ele virou a cabeça e deu de cara com o rosto delicado e sorridente de seu melhor amigo — Kobbi, o músico.

— Possam os deuses abençoá-lo com grande generosidade, meu bom amigo — começou Kobbi, numa saudação rebuscada. — Entretanto, parece que já o fizeram, pois não o vejo entregue ao trabalho. Regozijo-me com você por sua boa sorte. Mais ainda, gostaria de partilhar isso com você por favor. Dessa sua bolsa que deve estar abarrotada, pois do contrário você se encontraria na oficina. Me empreste dois humildes siclos, que devolvarei logo após o banquete dos nobres esta noite. Você não chegará a sentir a falta deles.

— Se eu tivesse dois siclos — respondeu Bansir, melancolicamente —, não poderia emprestá-los a ninguém, nem mesmo a você, que é o meu melhor amigo; pois eles constituiriam minha fortuna, toda a minha fortuna. Ninguém empresta o único dinheiro que possui, nem mesmo para o melhor amigo.

— O quê?! — exclamou Kobbi, realmente surpreso. — Não tem um único siclo na algibeira, e fica postado como uma estátua sobre esta mureta! Por que não terminou a carruagem? Como pode sustentar o seu raro apetite? Isso não é normal em você, meu amigo. Onde está sua inesgotável energia? Alguma coisa aconteceu? Trouxeram-lhe os deuses algum infortúnio?

— Deve ser mesmo um tormento dos deuses — disse Bansir, concordando. — Tudo começou com um sonho, um sonho sem sentido onde me via como um homem de posses. De meu cinturão pendia um belo saco, pesado de tanta moeda. Dali retirava punhados de siclos, que eu lançava, com uma liberalidade descuidosa, aos mendigos; havia moedas de prata com que eu comprava presentes para minha esposa e o que bem desejasse para mim mesmo; havia moedas de ouro que me tranquilizavam quanto ao futuro e me deixavam sem medo de gastar à vontade as moedas de prata. Uma sensação magnífica de contentamento enchia o meu peito! Você não teria reconhecido o seu velho e diligente amigo. Como não teria reconhecido minha mulher, com suas faces

saudavelmente rosadas e sem rugas. Ela era novamente a mocinha sorridente de nossos primeiros anos de casados.

— Um sonho agradável, sem dúvida — comentou Kobby —, mas por que deveriam essas sensações tão prazerosas deixá-lo apático e deprimido como agora?

— Porque, realmente! Porque, quando acordei e me lembrei de que não tinha um centavo sequer, um sentimento de revolta tomou conta de mim. Vamos conversar um pouco sobre isso, pois, como dizem os marinheiros, estamos no mesmo barco, nós dois. Quando meninos, fomos juntos aos sacerdotes do Templo buscar sabedoria. Na juventude, divertimo-nos um bocado. Como homens feitos, mantivemo-nos amigos íntimos. Temos sido de algum modo súditos conformados. Temos nos contentado em trabalhar longas horas e gastar nossos ganhos livremente. Conseguimos muito dinheiro nos últimos anos, mas só em sonhos poderíamos conhecer as alegrias decorrentes da riqueza. Ora! Não passamos de duas ovelhinhas pacatas! Vivemos na mais rica cidade do mundo. Os viajantes costumam dizer que nenhuma outra se iguala a ela em prosperidade. Tanta ostentação de riqueza nas nossas barbas, mas nós mesmos ficamos a ver navios. Depois de praticamente meia existência de trabalho árduo, meu melhor amigo se acha sem um níquel e me procura para dizer: “Não poderia me emprestar a bagatela de dois siclos até o término do banquete dos nobres esta noite?” E o que respondo? Digo, por acaso: “Aqui está minha bolsa, dividirei com você todos os siclos que aí se encontram?” Não, simplesmente admito que minha bolsa está tão vazia quanto a sua. Mas o que há? Por que não podemos obter prata e ouro — mais do que apenas o necessário para o sustento do lar?

“Pense também em nossos filhos”, continuou Bansir, “não estão seguindo o caminho dos pais? Tem cabimento que eles e suas famílias, e os filhos e as famílias de seus filhos, passem a vida inteira no meio de tantos guardadores de ouro e, apesar disso, exatamente como nós, contentem-se com mingau e leite de cabra azedos?”

Kobby estava perplexo:

— Em todos esses anos de amizade nunca o vi falando desse modo, Bansir.

— Porque, na verdade, nunca tinha pensado assim. Desde as primeiras luzes da manhã e até que o escuro da noite me fizesse largar as ferramentas, trabalhei duro para montar as mais finas carruagens que um homem pode fazer, esperando credulamente que um dia os deuses reconheceriam o valor de minhas obras e me recompensariam por isso com a maior prosperidade. Pois nunca o fizeram. Finalmente, convenci-me de que nunca o farão. É esse o motivo da tristeza que rói o meu peito. Quero ser um homem de posses. Quero ter minha própria terra e animais para criar, quero ter roupas finas e dinheiro, muito dinheiro. Estou disposto a trabalhar com toda a força de meus músculos, com toda a perícia de minhas mãos, com todo o tirocínio de minha mente, mas quero que os frutos de meu trabalho sejam fartos. Qual é o problema com a gente? É o que volto a lhe perguntar! Por que não podemos ter o nosso justo quinhão das coisas boas, tão abundantes naqueles que têm ouro suficiente para comprá-las?

— Quem dera tivesse uma resposta! — replicou Kobbi. — Sinto-me tão pouco satisfeito quanto você. Meus ganhos com a lira se vão rapidamente. Muitas vezes tenho que inventar para que a família não passe fome. Além disso, venho há muito alimentando o profundo desejo de adquirir uma lira grande o bastante para que possa verdadeiramente tocar os acordes musicais que se multiplicam em minha mente. Com um instrumento assim, eu poderia compor músicas melhores do que aquelas que o rei ouviu até o momento.

— Com uma lira que você, sem qualquer favor, deveria ter. Nenhum homem em toda a Babilônia poderia fazê-la vibrar mais docemente; a tal ponto que não apenas o rei, mas os próprios deuses ficariam deliciados. Como, porém, conseguir tal coisa, se nós dois somos tão pobres quanto os escravos do rei? Ouça o sino! Aí vêm eles.

Bansir apontou na direção da longa fila de semidespidos e suarentos carregadores de água que subiam penosamente a rua, vindo do rio. Arrastavam-se em alas de cinco, cada qual vergado sob um pesado odre de pele de cabra.

— Um belo tipo de homem, aquele que os está conduzindo. — Kobbi indicou o tocador do sino, que ia na frente, sem carregar nada. — Um homem importante em seu próprio país, como se pode ver.

— Há muitos bons tipos ali — acrescentou Bansir, concordando com o amigo —, homens tão bons quanto nós. Homens altos e louros do norte, os risonhos negros do sul, os morenos dos países mais próximos. Todos marchando juntos do rio até os jardins, um após outro, dia após dia, ano após ano. Nenhuma expectativa quanto a um futuro diferente ou melhor. Camas de palha para dormir e papas terríveis de cereais para comer. Coitados desses pobres brutos, Kobbi!

— Coitados, realmente. Mas você me faz ver que não somos muito melhores do que isso, embora nos consideremos homens livres.

— É verdade, Kobbi, por mais desagradável que seja a ideia. Não queremos continuar levando ano após ano uma vida de escravos. Trabalho, trabalho, trabalho! Sem ir a lugar nenhum.

— Não podemos descobrir como outros conseguem ouro e fazemos como eles? — perguntou Kobbi.

— Talvez haja algum segredo que devamos buscar junto àqueles que o conhecem — replicou Bansir, pensativo.

— Ainda hoje — lembrou Kobbi — passei por nosso velho amigo, Arkad, refestelado em sua carruagem dourada. Devo dizer que ele não me olhou com o desprezo que muitos de sua posição teriam achado perfeitamente cabível. Ao contrário, acenando com a mão na frente de todos os circunstantes, saudou e concedeu seu sorriso de amizade a este Kobbi, o músico.

— Ele é considerado o homem mais rico de toda a Babilônia — refletiu Bansir.

— Tão rico que o próprio rei, segundo se diz, busca sua valiosa ajuda para os negócios do tesouro — replicou Kobbi.

— Tão rico — acrescentou Bansir — que, se o encontrasse casualmente numa noite escura, seria capaz de enfiar minha mão em sua gorda algibeira.

— Tolice — reprovou Kobbi —, a riqueza de um homem não se acha na bolsa que ele carrega. Uma bolsa gorda fica logo vazia se não houver um constante fluxo de ouro. Arkad tem rendimentos que conservam suas reservas sempre altas, por maior que seja a liberalidade com que gasta dinheiro.

— Rendimentos: essa é a questão — exclamou Bansir. — Quero ter uma renda fluindo continuamente para minha bolsa, esteja eu sentado sobre a mureta ou

viajando por terras distantes. Arkad deve saber como um homem pode criar uma renda para si mesmo. Supõe que se trate de alguma coisa que ele poderia deixar claro para uma mente tão lenta como a minha?

— Parece-me que ele transmitiu seus conhecimentos ao filho, Nomasir — respondeu Kobbi. — Este não foi para Nínive e, como se comenta na estalagem, não se tornou, sem a ajuda do pai, um dos homens mais ricos da cidade?

— Kobbi, você acaba de me propiciar um raro pensamento. — Um brilho novo surgiu nos olhos de Bansir. — Não custa nada buscar conselho junto a um bom amigo, e Arkad sempre se mostrou como tal para nós dois. Pouco importa que nossa bolsa esteja tão vazia como o ninho de um falcão abandonado há um ano. Não deixemos que isso nos detenha. Estamos fartos de não ter ouro no meio de tanta opulência. Queremos tornar-nos homens de posses. Vamos, vamos procurar Arkad e perguntar-lhe como também nós podemos adquirir uma renda para nós mesmos.

— Você parece verdadeiramente inspirado, Bansir. Está me trazendo uma nova compreensão. E me faz perceber por que nunca encontramos ouro. Nós nunca o procuramos. Você trabalhou pacientemente para construir as mais sólidas carruagens da Babilônia. Para tal propósito devotou seus melhores esforços. Nisso, até que teve êxito. Eu mesmo fiz os maiores esforços para tornar-me um virtuose da lira. E nisso eu também tive êxito.

— Nas coisas em que aplicamos nossos melhores esforços tivemos êxito. Os deuses parecem satisfeitos com que continuemos assim. Agora, finalmente, vemos uma luz, brilhante como os raios do Sol nascente. Ela nos indica que devemos aprender mais para prosperar mais. Com um novo entendimento, acharemos caminhos dignos para cumprir nossos desejos.

— Vamos hoje mesmo à procura de Arkad — insistiu Bansir. — Busquemos igualmente outros amigos de infância que não tiveram maior sucesso que nós mesmos, para que compartilhem conosco as mesmas lições.

— Está sempre pensando nos outros, Bansir. É por isso que tem tantos amigos. Será como você diz. Pois vamos hoje mesmo e os levemos conosco.

O homem mais rico da Babilônia

Era uma vez, na antiga Babilônia, um homem muito rico chamado Arkad. Conhecido em toda a parte devido a uma imensa riqueza, tornara-se igualmente famoso pela liberalidade. Mostrava-se generoso com os mais necessitados e com a família, sendo um homem pródigo em suas próprias despesas. Entretanto, a cada dia sua riqueza crescia mais rapidamente do que podia gastá-la.

Certa vez, alguns amigos da juventude foram até ele, dizendo-lhe:

— Você, Arkad, é mais venturoso do que nós. Você se tornou o homem mais rico de toda a Babilônia, enquanto nós lutamos para sobreviver. Pode usar as mais finas roupas e degustar as mais requintadas iguarias, enquanto nós devemos nos dar por satisfeitos se apenas propiciamos à família uma indumentária decente ou a alimentamos da melhor maneira possível.

“Contudo, alguma vez fomos iguais. Tivemos o mesmo professor, participamos das mesmas brincadeiras, e nem nos estudos nem nas brincadeiras você se sobressaiu mais do que nós. E nos anos que se seguiram você foi um cidadão tão honrado quanto nós.

“Tampouco trabalhou mais duro ou mais assiduamente, pelo menos até onde sabemos. Por que então deveria o caprichoso destino escolhê-lo para gozar de todas as boas coisas da vida e ignorar-nos, a nós que igualmente somos merecedores?”

Após o que Arkad protestou, dizendo:

— Se vocês não adquiriram mais do que uma pobre existência desde os tempos em que éramos jovens, isso se deve a que não conseguiram aprender ou não observaram as leis que governam a acumulação de riqueza.

“O ‘voluntarioso Destino’ é um deus cheio de malícia, que não assegura um bem duradouro para ninguém. Ao contrário, ele traz ruína para quase todo

homem sobre quem faz chover ouro não conquistado. Ele produz os gastadores libertinos, que logo dissipam tudo o que recebem e se deixam dominar pelos mais extravagantes apetites, que nem sempre podem satisfazer. Outros ainda, a quem esse caprichoso deus favorece, tornam-se avarentos e entesouram sua riqueza, temendo despender o que têm por saberem que não são capazes de repô-lo. São além disso assediados pelo medo de roubo e acabam construindo para si mesmos uma vida de necessidades e secreta tristeza.

“Há provavelmente outros que conseguem dinheiro fácil e o aumentam, sem deixar de se sentirem felizes e abastados cidadãos. Mas são tão poucos que só sei deles por ouvir dizer. Pensem nessas pessoas que de repente se viram herdando uma riqueza e confirmam se as coisas não se passam assim.”

Os amigos admitiram que a respeito dos conhecidos que tinham herdado uma fortuna aquelas palavras eram realmente verdadeiras e suplicaram-lhe que explicasse a eles como tinha conseguido juntar tantos bens.

— Ainda em plena juventude — continuou Arkad —, eu olhava em minha volta e observava todas aquelas boas coisas capazes de propiciar felicidade e contentamento. Percebi então que a riqueza aumentava ainda mais a potência delas.

“A riqueza é um poder. Com a riqueza, muitas coisas se tornam possíveis.

“Este pode embelezar sua casa com os móveis mais refinados.

“Aquele pode viajar pelos mares distantes.

“Esse outro pode regalar-se com as finas iguarias de terras longínquas.

“Outro mais pode comprar ornamentos lavrados em ouro ou cravejados de pedras preciosas.

“Pode-se mandar construir templos magníficos para os deuses.

“É possível, enfim, fazer todas essas coisas e muitas outras, onde sempre haverá deleite para os sentidos e gratificação para a alma.

“E, quando percebi tudo isso, declarei a mim mesmo que reivindicaria o meu quinhão entre as boas coisas da vida. Não seria nenhum desses que se mantêm a distância, observando invejosamente os prazeres do outro. Não me contentaria em vestir roupas baratas que parecem respeitáveis. Não me daria por satisfeito com a parte que cabe a um homem pobre. Ao contrário, faria de mim mesmo um conviva nesse banquete de boas coisas.

“Sendo, como sabem, filho de um humilde comerciante, membro de uma grande família sem qualquer expectativa de herança, e não me achando dotado, como me disseram vocês com tanta franqueza, de poderes superiores ou talentos especiais, decidi que, se realmente quisesse conseguir tudo o que desejava, precisaria basicamente de tempo e estudo.

“Todos os homens têm tempo em abundância. Cada um de vocês vem deixando escapar tempo suficiente para tornar-se rico. E ainda, como admitem, não têm nada para apresentar senão suas boas famílias, de que, aliás, podem com justiça orgulhar-se.

“Quanto ao estudo, nosso sábio professor não nos ensinou que o aprendizado consistia em dois tipos: o primeiro cuidando das coisas que aprendíamos e sabíamos, o outro baseando-se na prática que nos ajuda a encontrar aquilo que não conhecemos?

“Assim, resolvi que iria investigar como alguém consegue acumular riqueza e, quando descobrisse, tornar tal coisa minha própria tarefa e realizá-la bem. Pois não é justo que devamos gozar enquanto permanecemos sob a brilhante luz do Sol, compensando os sofrimentos que teremos de enfrentar quando partirmos para a escuridão do mundo do espírito?

“Empreguei-me como escriba na sala de registros e todos os dias trabalhei horas sem conta sobre as tabuinhas de argila. Semana após semana, mês após mês, dei um duro danado sem que os meus vencimentos dessem mostras de crescer. Comida, roupa, os compromissos para com os deuses, além de outras coisas de que já não consigo lembrar-me, consumiam tudo o que eu ganhava. Mas minha determinação continuou de pé.

“E um dia Algamish, o homem que empresta dinheiro, veio até a administração da cidade e solicitou uma cópia da Nona Lei, dizendo-me: ‘Preciso disso em dois dias; se me entregar as cópias no prazo, pode contar com duas moedas de cobre pelo serviço.’

“Trabalhei arduamente, mas o texto da lei era muito comprido, e quando Algamish voltou eu ainda não tinha terminado a transcrição. Ele ficou uma fera e teria me dado uma boa surra se eu fosse seu escravo. Sabendo, porém, que não lhe era permitido agredir-me no prédio da administração, não senti qualquer medo e disse-lhe: ‘Algamish, você é um homem realmente rico. Diga-

me como posso também tornar-me rico, e prometo-lhe que passarei a noite em claro entalhando as tabuinhas. Assim que o Sol nascer, estarão prontas.’

“Ele sorriu e respondeu-me: ‘Você é um belo tratante, mas vamos considerar isso uma transação.’

“Gravei durante toda a noite, embora minhas costas doessem e o cheiro de óleo queimado do candeeiro fizesse minha cabeça latejar a ponto de deixar-me os olhos em frangalhos. Mas quando ele voltou, em plena alvorada, as tabuinhas estavam prontas.

“Agora’, disse-lhe, ‘cumpra sua promessa.’

“‘Você fez a sua parte em nossa transação, meu filho’, disse-me ele com benevolência, ‘e estou pronto para fazer a minha. Vou lhe falar das coisas que deseja saber porque estou envelhecendo, chegando à idade em que já não se consegue segurar a língua. E quando a juventude busca o conselho dos mais velhos, ela recebe a sabedoria dos anos. Muito frequentemente, porém, a juventude pensa que o idoso detém apenas a experiência dos dias que se foram e por isso não a aproveita. Lembre-se que o Sol que brilha hoje é o Sol que brilhou quando seu pai nasceu e que continuará brilhando quando seu último neto tiver passado para o mundo dos mortos.’

“‘Os pensamentos da juventude’, continuou ele, ‘são luzes resplandecentes que brilham como meteoros que muitas vezes tornam o céu reluzente, mas a experiência dos mais velhos assemelha-se a estrelas fixas que, sem mudar de lugar, auxiliam o marinheiro a orientar o seu curso.’

“‘Guarde bem minhas palavras, pois do contrário deixará de assimilar a verdade do que lhe contarei e pensará ter sido em vão todo o trabalho que teve durante essa noite.’

“Então ele me olhou com perspicácia por baixo das peludas sobrancelhas e disse num tom lento e enérgico: ‘Achei o caminho para a riqueza quando decidi que *conservaria comigo uma parte de tudo que ganhasse*. E assim fará você.’

“E continuou me olhando com uma insistência que parecia ir ao fundo de minha alma, mas não disse mais nada.

“‘É tudo?’ perguntei.

“‘Foi o suficiente para transformar o coração de um pastor de ovelhas no coração de um prestador de dinheiro’, replicou ele.

“Mas *tudo* o que ganho não vem mesmo para o meu bolso?”, perguntei.

“Nada mais falso”, respondeu ele. ‘Você não paga pelas roupas e pelas sandálias que usa? Não paga pelas coisas que come? Consegue viver na Babilônia sem fazer despesas? O que tem para apresentar do que recebeu no mês passado? E de tudo quanto ganhou no último ano? Louco! Você paga a todo mundo, menos a si mesmo. Idiota, está trabalhando para os outros. Bem melhor do que isso faz o escravo, que trabalha para o seu dono em troca de roupa e comida. Se guardasse para si mesmo um décimo de tudo o que ganha, quanto teria dentro de dez anos?’

“Meu conhecimento dos números não me desamparou, e respondi: ‘Ora, o equivalente a um ano de trabalho.’

“Pois está dizendo apenas meia verdade”, retorquiu ele. ‘Cada moeda de ouro que economizar é um escravo que pode trabalhar para você. Cada cobre que essa moeda produzir torna-se um filho apto a levantar mais fundos. Se quiser tornar-se rico, então tudo o que você economizar deve ser utilizado no sentido de proporcionar-lhe toda a abundância por que anseia.’

“Você pensa que o estou ludibriando por sua longa noite de trabalho”, continuou ele, ‘mas em minhas palavras há uma fortuna, se for suficientemente inteligente para perceber a verdade que acabo de pôr em suas mãos.’

“Uma parte de tudo o que ganha pertence exclusivamente a você. No mínimo, um décimo, mesmo nas ocasiões em que tiver recebido pouco dinheiro. Pode ser mais, de acordo com o que produzir. Pague a si mesmo primeiro. Não compre ao fazedor de roupas ou ao fazedor de sandálias mais do que possa pagar com o restante, devendo ainda separar o bastante para alimentar-se, ajudar o próximo e pôr em dia as obrigações com os deuses.’

“A riqueza, como uma árvore, cresce a partir de uma simples semente. A primeira moeda de cobre que economizar será a semente a partir da qual sua árvore da riqueza crescerá. Quanto mais cedo plantá-la, mais cedo a árvore crescerá. E quanto mais fielmente alimentar e regar essa árvore com economias constantes, logo chegará o dia em que poderá abrigar-se em pleno contentamento embaixo de sua sombra.’

“Tendo dito isso, pegou suas tabuinhas e foi embora.

“Pensei muito a respeito do que ele me dissera, e suas palavras me pareceram razoáveis. Assim, decidi fazer a experiência. Sempre que recebia um pagamento, tirava e guardava uma em cada dez moedas de cobre. E, estranho como possa parecer, não fiquei mais desprovido de fundos do que antes. Percebi pequena diferença quando comecei a me arranjar sem isso, mas frequentemente me via tentado, à medida que minha reserva crescia, a utilizá-la para adquirir as boas coisas que os mercadores ofereciam, objetos trazidos por camelos e navios da terra dos fenícios. Prudentemente, porém, consegui refrear o impulso.

“Doze meses se tinham passado quando Algamish voltou a me procurar, dizendo-me: ‘E então, meu filho, pagou a si mesmo não menos de um décimo sobre tudo quanto ganhou no ano passado?’

“Respondi todo orgulhoso: ‘Sem dúvida, mestre, foi exatamente o que fiz.’

“‘Ótimo’, comentou, abrindo um largo sorriso para mim, ‘é o que fez com essa reserva?’

“‘Entreguei-a a Azmur, o oleiro, que me disse estar viajando pelos mares distantes e que em Tiro compraria para mim joias valiosíssimas, só encontradas na Fenícia. Quando voltar, poderemos vendê-las a preço bem mais alto e dividiremos os lucros.’

“‘Bem, os loucos precisam mesmo aprender’, rosnou ele, ‘mas por que confiar nos conhecimentos de um oleiro sobre joias? Você procuraria o padeiro para colher informações sobre as estrelas? Não, por minha túnica, iria até um astrólogo, se pelo menos tivesse cabeça para pensar. Suas economias se foram, meu jovem, você arrancou sua árvore da riqueza pelas raízes. Contudo, plante outra. Tente novamente. E da próxima vez em que precisar de conselhos sobre joias, corra até um ourives. Se quiser conhecer a fundo as ovelhas, procure o pastor que cuida delas. Conselho é uma coisa que se dá de graça, mas deve guardar consigo apenas o que lhe parece valioso. Aquele que aceita conselhos sobre suas economias de pessoas inexperientes em tais matérias pagará com essas mesmas economias para provar a falsidade da opinião dos outros.’ Dizendo isso, Algamish partiu.

“E aconteceu realmente como ele tinha previsto. Pois os fenícios são salafrários e venderam a Azmur pedaços de vidro sem valor que pareciam

pedras preciosas. Mas, seguindo as palavras de Algamish, voltei a economizar, mesmo porque já tinha formado o hábito e isso não constituía para mim nenhuma dificuldade.

“Mais uma vez, 12 meses depois, Algamish apareceu na sala dos escribas e dirigiu-se a mim. ‘Que progressos andou fazendo desde a última vez em que nos vimos?’

“‘Paguei a mim mesmo religiosamente’, respondi, ‘e confiei minhas economias a Aggar, o fazedor de escudos, para comprar bronze. A cada quatro meses ele me paga uma parte dos lucros.’

“‘Ótimo. E o que tem feito com esse dinheiro extra?’

“‘Dei uma festa com mel, vinho e iguarias de primeira. E comprei também uma túnica escarlate. Qualquer dia desses devo comprar um burrico para os meus deslocamentos.’

“Algamish não disfarçou o riso: ‘Você está comendo os filhos de suas economias. Como pode esperar que trabalhem para você? Como eles mesmos poderão ter filhos que venham a produzir mais renda para você? Primeiro reúna um exército de escravos dourados, e só então poderá refestelar-se com banquetes ricos sem sentir remorsos.’ E, assim dizendo, partiu novamente.

“Não voltei a vê-lo durante dois anos, até que reapareceu, o rosto sulcado pelas rugas, os olhos visivelmente cansados, pois ele se achava então numa idade bastante avançada. Disse-me: ‘Arkad, conseguiu afinal obter a riqueza com que sonhava tanto?’

“Respondi-lhe: ‘Ainda não tudo que desejo, mas já tenho alguma coisa que rende muito bons lucros, que, por sua vez, fazem outro tanto.’

“‘E você ainda busca o conselho dos oleiros?’

“‘Bem, o que eles dizem sobre como fabricar tijolos é realmente muito bom’, retorqui.

“‘Arkad’, continuou ele, ‘você aprendeu bem suas lições. Aprendeu primeiro a viver com menos do que podia ganhar. Depois aprendeu a aconselhar-se junto àqueles cuja competência deriva de suas próprias experiências. E, finalmente, aprendeu a fazer o ouro trabalhar para você.’

“‘Você ensinou a si mesmo como adquirir dinheiro, poupá-lo e usá-lo. Reuniu, portanto, condições para ocupar uma posição de confiança. Estou me

tornando muito velho. Meus filhos só pensam em gastar e não dão a menor importância aos ganhos. Meus negócios são grandes, e até grandes demais para que eu possa cuidar de tudo. Se você concordar em ir para Nippur, a fim de tomar conta das terras que possuo na região, torná-lo-ei meu sócio, e você participará de meu testamento.’

“Assim, fui para Nippur e comecei a administrar suas propriedades, que eram imensas. E como estivesse cheio de ambição e dominasse as três leis que nos ensinam a lidar de maneira exitosa com a riqueza, tive condições de aumentar ainda mais o valor de seus bens. Prosperei muito e, quando o espírito de Algamish partiu para a esfera da escuridão, vi-me como um beneficiário legalmente reconhecido de sua herança.”

Assim falou Arkad, e, quando terminou sua narrativa, um dos amigos ali reunidos disse:

— Você inclusive deu a sorte de que Algamish o tivesse nomeado um de seus herdeiros.

— Minha sorte limita-se ao fato de que desejava prosperar antes de tê-lo encontrado pela primeira vez. Não tive que provar durante quatro anos minha determinação de propósito, reservando para mim mesmo um décimo de tudo que auferia? Você chamaria de sortudo o pescador que, tendo passado anos estudando os hábitos dos peixes, por uma simples mudança do vento soubesse onde jogar sua rede? A oportunidade é uma deusa desdenhosa que não perde tempo com os que não estão preparados.

— Você teve uma tremenda força de vontade em continuar poupando depois de ter perdido as economias do primeiro ano. Nisso, foi extraordinário — disse um outro.

— Força de vontade! — retorquiu Arkad. — Bobagem. Você acredita que a força de vontade seja capaz de dar a um homem energia suficiente para erguer um peso que o camelo não pode carregar ou puxar uma carroça que os próprios bois não conseguem levar adiante? A força de vontade não passa de um propósito inflexível para dar conta de uma tarefa a que você mesmo se obrigou. Se eu determinar para mim mesmo uma tarefa, por mais boba que seja, terei de levá-la a cabo. Como poderia de outro modo ter confiança em mim para fazer coisas importantes? Se me dissesse: “Durante cem dias, quando

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Homem mais rico da Babilônia" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).